



A PRESENÇA DA MULHER NO MOVIMENTO MODERNISTA

PERNAMBUCANO

Clarissa Generino Duarte, Luciana Borre Nunes

Universidade Federal de Pernambuco

clarissagenerino@gmail.com

lucianaborre@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo é resultado de uma pesquisa iniciada a partir do programa de iniciação científica, PIBIC, na Universidade Federal de Pernambuco, no qual busco mostrar como as mulheres foram excluídas da história da arte oficial e por essa razão, hoje, não fazem parte do cânon da história da arte. Especialmente no contexto do Movimento Modernista pernambucano destaco a presença da artista e professora da Escola de Belas Artes do Recife, Fédora do Rego Monteiro Fernandes.

Palavras chave: Arte Visuais, Modernismo, Mulheres, Pernambuco.

INTRODUÇÃO: Este artigo é resultado de uma pesquisa que iniciei a partir do programa de iniciação científica, PIBIC, inserido na investigação “Tramas na Formação de Professoras/es para Questões de Gênero e Sexualidades” desenvolvido pela professora Luciana Borre na Universidade Federal de Pernambuco. Este texto busca mostrar como as mulheres foram excluídas da história da arte oficial e por essa razão, hoje, não fazem parte do cânon da história da arte. Especialmente no contexto do Movimento Modernista pernambucano destaco a presença da artista e professora da Escola de Belas Artes de Pernambuco, Fédora do Rego Monteiro Fernandes. Busquei descobrir quais as contribuições de Fédora do Rego Monteiro Fernandes para o Modernismo pernambucano.

O texto está dividido em cinco partes onde discorro sobre o contexto da exclusão da mulher/artista. Tento aqui explorar o Movimento Modernista Pernambucano com a finalidade de encontrar e ressaltar a presença de mulheres; destacar a presença da artista Fédora do Rego Monteiro Fernandes e suas atividades profissionais, frisando sua participação e importância para a história da arte de Pernambuco e descobrir se a participação feminina no Modernismo pernambucano se reflete, ainda hoje, na construção social da mulher artista/profissional pernambucana.

Após pesquisa bibliográfica e visitas ao Arquivo Público de Pernambuco, Fundaj (Fundação Joaquim Nabuco) e Museus da cidade do Recife em busca de arquivos sobre



o Movimento modernista pernambucano e sobre a década de 1930, buscando encontrar registros de presença feminina no movimento. Fiz um mapa com datas e locais por onde Fédora do Rego Monteiro expôs e onde “trabalhou”, buscando entender qual o motivo que levou Fédora a não expor tanto depois que chegou ao Recife. Analisar as informações colhidas, tentando entender os motivos que excluem as mulheres, neste caso Fédora, da história oficial, quais suas contribuições para o movimento na época e o que aconteceu com suas obras.

1- Conhecer a história da artista pernambucana para legitimá-la

Por muito tempo a “atividade de artista” para mulheres foi vista como um simples passatempo, uma forma de ocupar as horas ociosas que geralmente eram dedicadas aos afazeres domésticos (SIMIONI, 2007, p. s/p). Ao longo da história da arte brasileira, poucas mulheres são mencionadas nos livros, apenas algumas figuras pontuais, como por exemplo, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral.

Na história da arte de Pernambuco pouco se fala sobre a existência de mulheres artistas e suas contribuições para a arte local. O Movimento Modernista foi um tempo de mudanças e escolhi me deter na década de 1930 por ter sido determinante para as Artes Visuais em Pernambuco.

Pesquisando sobre o Modernismo em Pernambuco na década de 1930 conheci Vicente do Rego Monteiro, suas obras e legado para as artes, especialmente em Pernambuco. Também conheci Fédora, sua irmã, que foi possivelmente uma de suas principais influências para que se tornasse artista. Entretanto, encontrei poucas citações sobre Fédora e até então não tinha conhecimento de suas obras, achava que não tinha feito algo relevante e por isso seu nome não era conhecido como o de Vicente, seu irmão mais novo.

Identificada e interessada com a época do movimento Modernista pernambucano, não desisti de pesquisar sobre os fatos que aconteceram no estado e as pessoas envolvidas. Passei a observar mais vezes o nome de Fédora do Rego Monteiro e me perguntar se ela realmente não tinha sido relevante para o cenário artístico. Com as leituras percebi que meu pensamento estava errado e que a artista Fédora do Rego Monteiro foi uma figura presente no cenário artístico não só pernambucano, mas também nacional.

Novas perguntas surgiram, tais como: se ela foi presente no período do Modernismo porque existem poucas referências sobre sua vida e obras? Porque não se fala sobre Fédora da mesma forma como se fala de outros



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

artistas? Enfim, foi um desafio entender que, ao menos nessa época da história da arte pernambucana, existiu uma parte que não foi contada ou valorizada, que apenas os grandes artistas homens tinham seus nomes “eternizados”. Apesar da existência de artistas mulheres talentosas e, de certa forma, influentes, seus nomes foram esquecidos e foi um desafio perceber que minha visão era “treinada” a não enxergar mulheres artistas, inclusive dentro do curso de Licenciatura em artes visuais.

O fato de termos, na grande maioria, histórias de artistas homens me deixou com a visão um pouco restrita. Eu conhecia apenas artistas homens, talvez pelo fato de que durante toda minha vida só fui “apresentada” a eles, aprendi que os grandes artistas eram as melhores referências e nunca me passou na mente que estava faltando alguma coisa. Quem sabe até eu tivesse algum tipo de inquietação, mas não identificava que fosse a ausência das mulheres na história. Hoje, com uma caminhada de aprender com uma visão um pouco mais crítica e com vontade de duvidar das coisas, consigo ver outras possibilidades que, possivelmente, me ajudarão a encontrar respostas.

Também importa ter exemplos de mulheres que estejam mais “próximas de mim” e que, mesmo sofrendo, lutaram e conseguiram um

espaço para mostrar que foram boas profissionais e que sabiam fazer arte. Esses exemplos me inspiram, pois é uma questão de identificação e de possibilidades de saber que mulheres pernambucanas, assim como eu, conseguiram se mostrar grandes artistas/profissionais.

Na cultura pernambucana, de forma geral, é comum ouvir sobre grandes poetas, músicos e artistas do sexo masculino. Não há nada de errado em valorizá-los, mas depois de perceber a existência de artistas mulheres, ficou difícil não procurá-las e querer ver seus nomes em evidência também. Sem dúvida, não nos faltam exemplos.

A importância de se pesquisar sobre a exclusão da mulher no modernismo pernambucano, neste caso Fédora do Rego Monteiro, é fundamental para reforçar a “ideia” de capacidade da mulher de estar em qualquer ambiente em que queira estar, do teórico ao prático, do acadêmico ao artístico. Também destacar a presença de mulheres em lugares importantes que, na maioria das vezes, são “exclusivos” de homens como, por exemplo, a participação de Fédora na fundação da Escola de Belas Artes de Pernambuco e sua função como professora.

Todas essas inquietações me mostram o quanto é necessário tornar público o que estava, por algum motivo, esquecido.

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



Acredito que assim como eu tive dúvidas sobre os acontecimentos outras pessoas também precisam conhecer esses exemplos inspiradores, especialmente nós mulheres pernambucanas.

Saber que minha “condição de mulher” ou posição social não são determinantes foi tranquilizador. Depois de conhecer a história de lutas de grandes mulheres senti mais vontade de, assim como elas, buscar por igualdade de direitos de gênero. Entendo que a posição que as artistas e tantas outras mulheres tomaram no passado foram importantes para que hoje eu escrevesse algo assim.

Acredito que este trabalho também será útil para possíveis pesquisas específicas sobre a presença da artista Fédora do Rego Monteiro no Movimento Modernista pernambucano, pois, são poucos os artigos e textos sobre esta artista. Pretendo aqui reunir datas, participação em exposições, seu trabalho como professora e como uma das fundadoras da Escola de Belas Artes do Recife. Enfim, desejo que algumas informações fiquem mais acessíveis para futuras pesquisas.

2- A mulher na sociedade brasileira no início do século XX

Não é novidade conhecer o papel que era destinado à mulher nos séculos anteriores e a

visão de toda uma sociedade que acreditava na fragilidade e incapacidade da mulher para assuntos que fugissem do âmbito doméstico. Acredito que seja necessário falar sobre a configuração da mulher na sociedade brasileira no início do século XX.

As conquistas sociais das mulheres, conquistadas com esforço e determinação “é algo recente se comparado ao longo período histórico em que o sexo feminino viveu aprisionado e silenciado sob a dominação masculina” (CARVALHO, 2014, p. 21).

A chegada do modernismo no Brasil contribuiu para um novo olhar sobre as mulheres. Ser mulher no início do século passado significava desprovimento de força, astúcia e coragem, próprias do sexo masculino. Características femininas eram cheias do pensamento de “sexo frágil” e de total dependência do homem, questionando-se, por várias vezes, até mesmo sua capacidade intelectual (CARVALHO, 2014).

A educação da mulher era voltada para a vida doméstica e desde cedo as meninas aprendiam que o casamento era sua única possibilidade e que ser mãe era a maior de todas as bênçãos, especialmente se os filhos fossem meninos. Ficar em casa, cuidar dos filhos e do marido eram deveres e responsabilidades que “lhes garantiam, ao fim da vida, gratificante



respeito e admiração” (COSTA, 2002, p. 138).

O casamento era uma forma de ganhar respeito e credibilidade diante da sociedade, tanto para os homens quanto para as mulheres, mas apesar disso o matrimônio era vivido de formas diferentes, “o homem via a mulher como sua propriedade e que poderia “usar” da forma que quisesse, pois ele detinha o poder” (CARVALHO, 2014, p. 23).

Depois de todas essas informações fica difícil acreditar que, em algum momento as mulheres, pelo menos algumas, deixaram de viver sob essas condições. As mulheres foram “caladas” por causa dos interesses que regiam uma sociedade patriarcal, entretanto, muitas, “obstinadas pelo desejo de mudança, descobriram que, pela aquisição do conhecimento, teriam acesso à chave que abriria as ‘algemas sociais’ que as aprisionavam” (CARVALHO, 2014, p. 23).

Por muito tempo a mulher foi proibida de ter acesso à escola, pois era um direito destinado aos homens. Não havia necessidade de ir para escola, já que se posicionar pública e politicamente era um papel assumido socialmente pelos homens. Mas depois de lutas, vitórias e derrotas, as mulheres começaram a ser ouvidas e com o advento da modernidade “as relações de gênero e do papel da mulher transformaram-se.

Adaptaram-se aos novos tempos” (ZACCARA, 2010, p. 130).

Apesar dos “novos tempos” as mulheres do Nordeste ainda sofriam com os velhos sistemas, segundo Madalena Zaccara, “a tradição familiar brasileira, patriarcal e conservadora, com essas características bem mais fortes no contexto nordestino, queria um saber mais convencional para seus filhos e principalmente suas filhas” (ZACCARA, 2010, p. 136). Em Pernambuco o acesso à educação para as mulheres se deu apenas na década de 1920, ainda assim, dedicada ao ensino de atividades domésticas.

3- O que acontecia em Pernambuco no início do século XX?

Em Pernambuco o Modernismo acontecia paralelamente ao eixo artístico predominante, São Paulo e Rio de Janeiro, mas, seus fundamentos na modernidade, não eram necessariamente ligados aos canais da Semana de Arte Moderna. Tinham “seus critérios, campo específico e desenvolvimento próprio” (HERKENHOFF, 2006, p. 32). No cenário das artes plásticas dois grupos se destacavam: os “acadêmicos” e os “independentes”, mas que apesar de certa rivalidade trabalhavam os mesmos temas, apenas com soluções visuais diferentes (DIMITROV, 2013). Os “independentes” tinham “valores estéticos inovadores e



vocabulário moderno para o cenário pernambucano” (ZACCARA, 2011, p. s/n).

A cidade do Recife passava por transformações estruturais e já em 1922, tinha uma visão moderna de mundo e uma fala própria, com mudanças nas características da cidade, na pintura dos irmãos Rego Monteiro, na poesia de Manuel Bandeira, na sociologia de Gilberto Freyre e com tantos outros grandes nomes do modernismo pernambucano que defendiam a cultura de Pernambuco e sua forma própria de expressão.

Nessa época havia grande discussão em Recife. O Regionalismo e o Modernismo dividiam entre dois lados as opiniões dos recifenses. Liderado por Gilberto Freyre os regionalistas “buscavam estabelecer, através do resgate e da preservação das raízes e tradições nordestinas, a especificidade da cultura brasileira” (ANJOS JR.; MORAIS, 1998, p.s/n) e os modernistas liderados por Joaquim Inojosa eram acusados por Freyre de sugerir a europeização da cultura nacional (ANJOS JR.; MORAIS, 1998).

E em todo esse cenário eufórico de oposições de ideias entre esses dois grupos, Fédora do Rego Monteiro é a única mulher, dessa década efervescente de 1930, a ter maior destaque. Apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres da época e restrições no

cenário das Artes Visuais e também em relação à sua formação acadêmica, Fédora foi uma das fundadoras e professora secundarista da Escola de Belas Artes de Pernambuco.

Formada pela conceituada *Académie Julian* e presença constante em inúmeras exposições no Brasil e no mundo, Fédora do Rego Monteiro Fernandes poderia ter sido figura permanente no universo artístico pernambucano. Entretanto, isso não aconteceu. Quando voltou para Recife participou de apenas algumas exposições, mas nada que marcasse seu nome de forma mais contundente na história da arte pernambucana. Por quê? De fato, quais são as contribuições de Fédora do Rego Monteiro para a arte moderna pernambucana?

Como já dito anteriormente, o papel da educação feminina era voltado para atividades domésticas e cuidado familiar. As mulheres aprendiam o que fosse útil para suas vidas como donas de casa, como por exemplo, uso de bordados e materiais de costura. Ainda hoje escuto alguns comentários de mulheres que afirmam a necessidade de saber cozinhar, especialmente para o marido ou que estudar artes não serve para nada. Comentários como esses me fazem perceber o quanto aqueles costumes e pensamentos ainda estão presentes em nosso cotidiano.



4- Sensível e Delicada: O que se esperava da mulher artista no início do século passado?

Quero deter-me na década de 30 que “de todo modo, foi nos anos 1930 que as artes pernambucanas vivenciaram algum tipo de movimentação mais organizada, ultrapassando esforços individuais e isolados” (DIMITROV, 2013, p. 33). Trazendo ao nosso conhecimento ou memória fatos que, possivelmente, mudaram a história da arte pernambucana. Acredito que seja fundamental para Pernambuco falar de memória, pois, “a memória dá significado as vivências humanas e suas intervenções no cotidiano” (SILVA; CARVALHO; COSTA. 2014, p. 13).

A prática artística desenvolvida por mulheres, por um longo tempo foi considerada uma característica supostamente “espiritual” e as pinturas feitas por mulheres deveriam expressar “qualidades de seu sexo (doçura, sensibilidade, perfectibilidade, detalhismo, etc.)” (SIMIONI, 2007, p.s/n). Consideradas por críticos como amadoras, por não frequentarem as Academias, as mulheres eram facilmente esquecidas e não citadas nos textos das exposições ou mesmo em livros. Por exemplo, Abigail de Andrade que foi a primeira mulher a ganhar medalha de ouro na exposição de 1884, mas seu nome não foi registrado, exclusão essa que dificultou o

reconhecimento de mulheres artistas (SIMIONI, 2007).

A mulher deveria estar a serviço da família e a “ideia de que a arte para as mulheres era um passatempo, uma prenda a mais” (ZACCARA, 2011, p. s/n) foi um pensamento comum nesse período da história e que tendia a “conceber a mulher como um ser frágil e desprovido de uma capacidade intelectual equivalente a masculina” (ZACCARA, 2011, p. s/n).

A educação só passou a ser uma realidade para as pernambucanas, na área artística, na década de 1920 no Recife, quando o governo estadual criou Escolas Profissionais masculinas e femininas. Sendo a escola feminina dedicada ao ensino de atividades/artes domésticas em geral (ZACCARA, 2011, p. s/n).

Dentro desse contexto, encontrei necessidade de expor as mulheres “não como figuras coadjuvantes na vida dos vencedores, dos senhores, dos homens, mas sim como agentes ativos na construção de suas vidas e do cotidiano das sociedades” (CARVALHO, 2014).

5- Esqueceram de mim!

“No Brasil as mulheres artistas do



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

século XIX e início do século XX foram apagadas da história da arte. Tiveram sucesso no seu tempo, ganharam medalhas e até prêmios de viagem, mas foram totalmente esquecidas. [...] Ignorância sobre a arte das mulheres, [...] não significa apenas esquecimento de seus nomes, destruição de suas obras pelo descaso, mas principalmente “invisibilidade de significação”.” (BARBOSA, 2011, p.36)

Certo dia me perguntava se falar sobre mulheres artistas era algo realmente importante. Em toda minha vida não me lembro de ter sido apresentada a nenhuma artista do sexo feminino, especialmente pernambucanas. Pensei que se nas aulas que tive na escola nunca me falaram sobre nenhuma delas, provavelmente elas não tinham existido.

A falta de registros sobre mulheres artistas é enorme, não porque não estavam lá nas exposições, nas Academias ou nos Ateliês, “não foi a ausência, natural, de capacidade estética, mas um preconceito cujas bases são sociais” (SIMIONI, 2002, p. 147). É possível perceber o quanto esses preconceitos existentes influenciam nossos entendimentos de mundo? Eu não sentia falta de mulheres artistas, nem me interessava em buscá-las, simplesmente porque, para mim, elas não existiam.

Até conseguirem seu espaço no campo das Artes Visuais como profissionais, as mulheres artistas, do início do século XX, passaram por situações das mais diversas. Foram chamadas de “amadoras” por críticos de arte e suas produções não eram legitimadas.

Imagine que você é um engenheiro e acabou de finalizar a obra de uma grande ponte, linda e fundamental para economia e existência das populações que vivem dos dois lados de um rio. No dia da inauguração o prefeito da cidade fala sobre a importância que aquela ponte trouxe para a cidade, mas simplesmente por você não ser uma figura pública, o prefeito não diz que você fez a obra aparentemente tão importante. Imaginou? Ficou feliz de depois de ter tido imenso trabalho, não ter seu nome reconhecido ou escrito na obra? Pois é, eu imagino que era



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

assim que as mulheres artistas que foram “esquecidas” se sentiam.

Esse esquecimento da mulher na história da arte passou a ser questionado na contemporaneidade (ZACCARA, 2011, p s/p). Talvez um pouco tarde, mas se tratando da história da arte que envolve as mulheres, tarde é melhor que nunca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Modernismo em Pernambuco trouxe com ele ideias e grupos opostos, mas ao mesmo tempo unidos na busca de uma identidade artística regional. Sociedade patriarcal que tinha muito bem definida o papel da mulher e apesar das ideias revolucionárias da época e práticas culturais, continuava sem muitas alterações em relação às atribuições femininas. Apesar da exclusão da mulher na história da arte, é necessário mostrar o quanto mulheres foram protagonistas em seu tempo.

Essa pesquisa não para por aqui, muitos fatos ainda precisam ser ditos e pesquisados. Penso que assim como eu, outros pesquisadores se interessam pelo tema e, juntos, contaremos histórias que não foram contadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Rafael. Fédora do Rego Monteiro: anotações sobre gênero e Artes Visuais em Pernambuco. In: ZACCARA, Madalena; PEDROSA, Sebastião (Orgs.). **Artes Visuais e suas conexões: Panorama de pesquisa.** Recife: Ed Universitária da UFPE, 2010, p. 185- 191.

AMARAL, Aracy A. **Artes plásticas na Semana de 22.** 5ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. 34, 1998.

ANJOS, Moacir dos; VENTURA, Jorge Morais. Picasso “visita” o Recife: a exposição da Escola de Paris em março de 1930. In: **Estudos Avançados**, vol.12 no. 34. São Paulo, Set./Dec. 1998.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Uma questão de política cultural – mulheres artistas, artesãs, designers e arte-educadoras. In: MARTINS, Maria Virgínia Gordilho e HERNANDEZ, Maria Hermínia Oliveira (Orgs.). **Entre territórios – 19º encontro da ANPAP (Mesas Redondas).** Salvador: Editora da UFBA, 2011, p. 35 – 47.

CARVALHO, Adriano José. **E a mulher se fez pintura:** história de vida, gênero e política na obra de Tereza Costa Rêgo. 2014. 216 f. Dissertação de Mestrado. Programa associado de pós-graduação em artes visuais. Universidade Federal de Pernambuco/



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Universidade Federal da Paraíba - Recife:
2014.

COSTA, Cristina. **A imagem da mulher:** um estudo de arte brasileira. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2002.

DIMITROV, Eduardo. **Regional como opção, regional como prisão:** trajetórias artísticas no modernismo pernambucano. 2013. 331 f. Tese de Doutorado. Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo.

DINIZ, Clarissa (Org). **Pernambuco Experimental.** Rio de Janeiro. Instituto Odeon, 2014.

HERKENHOFF, Paulo. **Pernambuco Moderno.** Recife: Instituto Cultural Bandepe, 2006.

RODRIGUES, Nise de Souza. **O Grupo dos Independentes:** arte moderna no Recife – 1930. Recife: editora da Autora, 2008.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. As mulheres artistas e os silêncios da história: a história da arte e suas exclusões. **Labrys, études féministes/ estudos feministas.** janvier /juin 2007 - janeiro / junho 2007.

_____. Entre convenções e discretas ousadias: Georgina de Albuquerque e a pintura histórica feminina no Brasil. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** São Paulo, vol. 17 n.50. Oct. 2002.

ZACCARA, Madalena. **Uma artista mulher em Pernambuco no início do século XX:** Fédora do Rego Monteiro Fernandez. Rio de Janeiro, vol. V1, n. 1, jan./mar. 2011.

ZACCARA, Madalena. Anotações sobre a presença da mulher nas artes visuais em Pernambuco. In: ZACCARA, Madalena; PEDROSA, Sebastião (Orgs.). **Artes Visuais e suas conexões:** Panorama de pesquisa – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010, p. 127- 147.